



***QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ANÁLISE DO
DESENVOLVIMENTO DE UMA UNIDADE DE ENSINO NO PROGRAMA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA***

***TEMAS DE GÉNERO EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: ANÁLISIS DEL
DESARROLLO DE UNA UNIDAD DIDÁCTICA EN EL PROGRAMA DE RESIDENCIA
PEDAGÓGICA***

***GENDER ISSUES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: ANALYSIS OF THE
DEVELOPMENT OF A TEACHING UNIT IN THE PEDAGOGICAL RESIDENCE
PROGRAM***

Jéssica Tamiozzo¹

Maria Simone Vione Schwengber²

Robson Machado Borges³

RESUMO

Considerando a necessidade de a Educação Física (EF) escolar tematizar as questões de gênero na prática esportiva, este estudo tem como objetivo descrever os principais resultados do desenvolvimento de uma unidade de ensino sobre questões de gênero no meio esportivo, com duas turmas do Ensino Fundamental de uma escola pública, durante as aulas de EF no Programa Residência Pedagógica. Com uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, 12 aulas foram ministradas, utilizando duas avaliações escritas sobre os conteúdos tematizados e as gravações de falas e depoimentos dos(as) discentes como instrumentos para obtenção dos

¹ Formação inicial em Educação Física pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Docente na rede municipal de ensino de Ijuí/RS.

² Doutora em Educação. Docente no curso de graduação em Educação Física e nos programas de mestrado Educação nas Ciências e Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ.

³ Professor de Educação Física pela Unijuí - Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2009), mestrando em Ciência do Movimento Humano pela UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ingresso em 2012). Desde 2010 é Analista de Lazer do SESI/RS. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em esporte educacional, metodologia de ensino dos esportes, educação física escolar, formação de professores e currículo em educação física.

dados. Os resultados indicam que os(as) alunos(as) não haviam estudado questões de gênero antes do desenvolvimento da unidade de ensino. Após, eles(as) ampliaram o nível de conhecimento sobre a participação feminina nas práticas esportivas, reconhecendo contextos nos quais as mulheres ainda não usufruem das mesmas condições de participação, valorização e reconhecimento quando comparadas aos homens.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física escolar. Questões de gênero. Esporte.

RESUMEN

Considerando la necesidad de que la Educación Física (EF) escolar aborde la problemática de género en la práctica deportiva, este estudio tiene como objetivo describir los principales resultados del desarrollo de una unidad didáctica sobre problemática de género en el deporte, con dos clases de Educación Primaria de una escuela pública, durante las clases de Educación Física en el Programa de Residencia Pedagógica. Con un enfoque cualitativo de carácter descriptivo, se impartieron 12 clases, utilizando dos evaluaciones escritas sobre los contenidos temáticos y las grabaciones de discursos y testimonios de los estudiantes como instrumentos para la obtención de los datos. Los resultados indican que los estudiantes no habían estudiado temas de género antes del desarrollo de la unidad didáctica. Posteriormente, aumentaron el nivel de conocimiento sobre la participación femenina en el deporte, reconociendo contextos en los que las mujeres aún no gozan de las mismas condiciones de participación, aprecio y reconocimiento que los hombres.

PALABRAS-CLAVE: Educación física escolar. Cuestiones de género. Deporte.

ABSTRACT

Considering the need for school Physical Education (PE) to address gender issues in sports practice, this study aims to describe the main results of the development of a teaching unit on gender issues in sports, with two classes of Elementary School from a public school, during PE classes in the Pedagogical Residency Program. With a qualitative approach of a descriptive character, 12 classes were given, using two written evaluations about the thematic contents and the recordings of speeches and testimonies of the students as instruments for obtaining the data. The results indicate that the students had not studied gender issues before the development of the teaching unit. Afterwards, they expanded the level of knowledge about female participation in sports, recognizing contexts in which women still do not enjoy the same conditions of participation, appreciation and recognition when compared to men.

KEYWORDS: School Physical Education. Gender issues. Sport.

Introdução

A Educação Física escolar é marcada historicamente como uma disciplina desenvolvida com foco prioritário no conhecimento procedimental dos conteúdos durante as aulas. O ensino de algumas modalidades esportivas com ênfase na realização de gestos motores e no jogo formal – raramente abordando conteúdos de ordem conceitual e atitudinal, o que se pode denominar de práticas tradicionais (GONZÁLEZ; 2016; MILANI; DARIDO, 2016) – fez parte do percurso desse componente curricular na escola.

Na contemporaneidade, ao considerar documentos legais como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e várias estruturas curriculares produzidas por diversos estados brasileiros no século 21, percebe-se que é preciso uma abordagem para além da dimensão do “saber fazer” face à pertinência do “saber sobre” e do “saber ser”, considerando o vasto universo cultural que compreende os saberes corporais, as experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas (BRASIL, 2017). Afinal,

a Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BRASIL, 2017, p. 211).

Desse modo, não se trata de negar o conhecimento procedimental, mas de considerar que há assuntos/conteúdos vinculados à especificidade de Educação Física escolar – relacionados aos conhecimentos conceitual e atitudinal – que não podem ser aprendidos somente com a prática corporal descontextualizada de uma reflexão cognitiva de ordem intencional. No caso do ensino dos esportes, para além da prática e de tornar o(a) aluno(a) proficiente em algumas modalidades, é preciso contextualizar e problematizar esse tema em relação ao contexto social em que está inserido e aos temas emergentes de sua época. Dessa forma, “será fundamental utilizar formas de trabalho em que determinados tipos de valores sejam demandados e comportamentos inadequados sejam inibidos” (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 13).

Um desses conteúdos diz respeito às questões de gênero nas práticas esportivas com a finalidade de garantir a participação inclusiva e equitativa dos(as) alunos(as). Como González e Fraga (2009) afirmam, a Educação Física escolar deve oferecer aos(as) discentes a reflexão sobre questões de gênero, problematizando e assegurando o bem comum de todos(as), de modo a repudiar qualquer forma de discriminação. Como Darido (2012, p. 53-54) defende, é necessário que os(as) estudantes reconheçam que não é aceitável “[...] discriminar as pessoas por motivos de gênero, idade ou qualquer outro tipo de característica individual”.

No entanto, no Brasil questões de gênero corresponde a uma temática que raramente é abordada nas aulas de Educação Física escolar de modo planejado, ao passo que as investigações acerca do gênero envolvendo mulheres no esporte é algo recente na história brasileira (DEVIDE, 2005). Além da produção de publicações em baixo número no cenário acadêmico sobre esse tipo de intervenção nas aulas dessa disciplina, muitas vezes se percebe na escola que as meninas ocupam um lugar simbólico de inferioridade aos meninos durante as práticas esportivas, tendo seu desempenho naturalizado como inferior. Nessa linha, as falas e ações de pessoas envolvidas com as aulas muitas vezes são discriminatórias, desestimulando a participação feminina nos esportes no ambiente escolar. De acordo com diversos autores (KNIJNIK, 2003; SARAIVA, 2005; ALTAMANN, 2009; GOELLNER, 2005; RAMOS; DEVIDE, 2013, entre outros), a relação da mulher e do homem com prática esportiva produz sentidos diferentes para cada gênero, de modo que desmerece a posição da mulher neste meio e influência a prática esportiva dos meninos.

Nesse cenário, entendendo a necessidade de abordar as questões de gênero nas aulas de Educação Física escolar, pensamos que um dos espaços com potencial de facilitar a implementação dessa temática é o Programa Residência Pedagógica. Trata-se de uma ação vinculada à Política Nacional de Formação de Professores, que remunera acadêmicos de cursos de licenciatura, na segunda metade de sua formação, para realizar imersão em escolas públicas de Educação Básica, de modo articulado com os estágios e com acompanhamento de professores (as), visando o aperfeiçoamento da formação prática.

Especificamente, no subprojeto Educação Física do Programa Residência Pedagógica na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), foi construída – de modo colaborativo – uma proposta curricular para a disciplina Educação Física nas escolas vinculadas ao programa, pautada pela perspectiva da cultura corporal do movimento (BRASIL, 2017). Entre os temas, ficou definido que um dos conteúdos seria as relações de gênero no contexto esportivo na perspectiva do conhecimento conceitual crítico. González e Fraga (2012), apresentam uma divisão do conhecimento conceitual em “técnico” e “crítico”. Enquanto o “técnico” abrange os conteúdos que permitem entender as características e o funcionamento de determinada prática corporal, em relação a sua lógica interna, o “crítico” corresponde a assuntos que possibilitam analisar o contexto sociocultural de uma prática corporal, não para entender como ela é praticada, mas visando a sua relação com a sociedade num contexto mais amplo. Desse modo, interessa nesse subeixo compreender fatos sociais como a reflexão sobre a época de surgimento e os motivos da

implantação e divulgação de terminada prática social, bem como as condições dos indivíduos em acessá-la (BORGES, 2019).

No campo esportivo há diversos assuntos relacionados às questões de gênero que fazem parte do conhecimento conceitual crítico e permitem perceber que, se por um lado, o esporte feminino vem avançando nas últimas décadas, por outro, ainda existem barreiras a serem superadas. A título de exemplo, em 2018 a revista Forbes⁴ publicou uma lista anual dos atletas mais bem pagos do mundo sendo que de 100 nomes presentes no ranking, não tem nenhuma mulher.

Outro aspecto que representa a desigualdade entre os gêneros no esporte diz respeito aos valores das premiações. De acordo com a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), na última Copa do Mundo na Rússia a premiação chegou a US\$ 400 milhões para o futebol masculino, enquanto a campeã do Mundial feminino de 2019 recebeu US\$ 4 milhões. Logo, com salários, premiações e incentivos inferiores em comparação aos homens, há uma desvalorização na vida profissional de mulheres atletas, mesmo de alto nível.

Nessa linha de analisar a desvalorização profissional de mulheres no campo esportivo, realizamos uma busca no jornal Zero Hora de Porto Alegre/RS verificando o caderno de esportes, nomeado de Jornada Esportiva. Ao analisarmos as publicações de 07 de maio até 23 de junho de 2019, identificamos que havia 170 reportagens esportivas. Dessas 151 faziam referência ao esporte praticado por homens, enquanto apenas 19 se relacionavam com a prática realizada por mulheres, sendo 17 sobre a seleção brasileira na Copa do Mundo Feminina⁵.

Esses dados, entre outros, podem ser pensados como um alerta da necessidade de as aulas de Educação Física escolar garantir aos(as) alunos(as) a reflexão sobre as oportunidades e o reconhecimento das mulheres nas práticas corporais e esportivas. Considerando que essa demanda é imprescindível e imediata, esta pesquisa busca descrever os principais resultados do desenvolvimento de uma unidade de ensino sobre questões de gênero no meio esportivo, com duas turmas de alunos(as) do Ensino Fundamental de uma escola pública, durante as aulas de Educação Física

⁴ <https://www.forbes.com/athletes/list/#tab:overall>

⁵ Pontualmente, na edição de sábado e domingo, de 22 e 23 de junho de 2019 do mesmo caderno, a capa enfatizava o confronto entre Brasil e Peru nas quartas de finais da Copa América de futebol masculino. A imagem era composta pelos jogadores Everton do Brasil e Guerrero do Peru. Em tamanho consideravelmente menor, na parte inferior da mesma página, constava uma imagem sobre a seleção feminina nas oitavas na Copa do Mundo. Assim, é possível perceber que o tamanho das ilustrações representa o valor social de cada gênero no contexto esportivo, de modo que nem mesmo durante a Copa do Mundo feminina, a mulher virou protagonista dos cadernos de esportes, sendo uma notícia secundária, constituindo-se em um indício de que mídia brasileira prioriza as reportagens aos atletas do futebol masculino.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa está pautada numa abordagem qualitativa. Segundo Gaya (2016, p. 161), nesse tipo de estudo “[...] além de identificar, descrever e associar variáveis as pesquisas com abordagem qualitativa pretendem interpretar os significados. Dar sentido aos fenômenos que investiga”. Especificamente, trata-se de uma pesquisa descritiva. De acordo com Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

O estudo consistiu no desenvolvimento de uma unidade de ensino⁶ em duas turmas – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental – de uma escola pública vinculada ao subprojeto Educação Física do Programa Residência Pedagógica coordenado pela Unijuí. Por isso, os participantes foram 30 alunos(as) dessas turmas (16 alunos do gênero masculino e 14 do gênero feminino), de 13 a 15 anos de idade, em situação socioeconômica de baixa renda.

Efetivamente, uma unidade didática⁷, composta por 12 aulas, foi desenvolvida com as turmas. Na sequência, apresentamos a definição dos assuntos centrais em cada aula para a abordagem das relações de gênero na prática esportiva.

Quadro 1 – Unidade didática

Aula	Conteúdo	Objetivo de aprendizagem
1	Avaliação escrita inicial.	Realizar a avaliação escrita.
2	Diagnóstico da percepção sobre gênero e sua relação com a prática esportiva.	Manifestar entendimentos sobre a relação entre gênero e esporte, como fonte de informações para o diagnóstico.
3	Historicidade da mulher no esporte brasileiro.	Conhecer o contexto histórico da mulher na prática esportiva no Brasil.
4		
5	A desigualdade na valorização e no reconhecimento entre os gêneros nos esportes.	Refletir sobre a desigualdade na valorização e no reconhecimento entre os gêneros nos esportes.
6		
7		
8	A diferença de status/visibilidade entre homens e mulheres no meio esportivo.	Analisar a diferença de status/visibilidade entre homens e mulheres no meio esportivo.
9		
10	A participação de meninos e	Analisar criticamente a participação de

⁶ Atribuímos o termo “unidade de ensino”, ao processo de organização, do início ao final do planejamento, para o ensino de um tema específico, sendo composta de: realização do diagnóstico, confecção de uma unidade didática, criação de plano de aulas e avaliação do aprendizado dos(as) alunos(as).

⁷ Consideramos que a unidade didática se refere à organização e distribuição dos conteúdos/objetivos de aprendizagem, de acordo com o número de aulas estabelecido para o ensino de um determinado tema. A unidade didática foi desenvolvida por uma das autoras deste estudo, nas aulas de Educação Física escolar durante o Programa Residência Pedagógica, sendo que este estudo não foi apreciado por um Comitê de Ética. Contudo, declaramos que todos os procedimentos éticos que constam nas resoluções foram integralmente contemplados, como prevê o Programa Residência Pedagógica, de modo que as identidades dos participantes não são divulgadas em nenhum momento do texto.

11	meninas nas práticas esportivas durante as aulas de Educação Física.	meninos e meninas nas práticas esportivas durante as aulas de Educação Física.
12	Revisão dos assuntos estudados e avaliação escrita final.	Revisar os assuntos estudados durante a unidade didática e realizar a avaliação escrita final.

Fonte: os autores (2021)

A organização das aulas, que tiveram 45 minutos de duração cada uma, foi pautada por meio de um método de ensino⁸ constituído em três momentos essenciais: a) indagações iniciais, acerca do objetivo da aula; b) tarefa⁹ vinculada ao objetivo de aprendizagem; c) sistematização sobre a tarefa realizada, contextualizada com objetivo da aula. Na parte que segue, com intuito de tornar mais compreensível o trabalho desenvolvido, apresentamos um plano de aula como exemplo dos planejamentos realizados.

Quadro 2 – Planejamento da décima aula da unidade didática

Aula 10	
Tema:	Esporte: questões de gênero.
Conteúdo:	A participação de meninos e meninas nas práticas esportivas durante as aulas de Educação Física.
Objetivo:	Analisar criticamente a participação de meninos e meninas nas práticas esportivas durante as aulas de Educação Física.

⁸ Borges (2019) utiliza o termo método de ensino para se referir a uma sequência de momentos/partes que estruturam uma aula.

⁹ A tarefa é entendida como “[...] o trabalho, ou atividade indicada pelo professor (eventualmente autossugerida) a ser executada pelos alunos, que envolve dificuldades, esforço e/ou prazo determinado” (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 77).

Indagações iniciais

Diálogo inicial com a turma e apresentação do objetivo da aula a partir dos questionamentos:

- 1) Nas aulas de Educação Física, geralmente, as meninas têm as mesmas oportunidades de participação e aprendizado que os meninos? Por quê?
- 2) Nas experiências práticas com esportes, como os meninos se posicionam em relação ao “jogar com” as meninas?

Tarefa

- Os(As) alunos(as) serão desafiados(as) a escolher uma prática na qual todos(as) deverão participar e, posteriormente, explicar sua organização.
- Neste momento os(as) alunos(as), apenas, serão auxiliados(as) com os materiais necessários para a tarefa e com a filmagem da atividade.
- A atividade deverá ter duração máxima de dez minutos, levando em conta o tempo para organização do material e espaço.

Sistematização

Ao final, a turma irá realizar a leitura – em duplas – da história em quadrinhos “Igualdade de direito entre os gêneros no ultimate frisbee”, produzida por Trevisan (2018), refletir e debater com os colegas sobre as seguintes questões relacionadas à tarefa anterior:

- 1) Quem escolheu a atividade? Por quê?
- 2) Todas as opiniões e ideias foram ouvidas? Como?
- 3) Quem organizou a turma? Por quê?
- 4) O que limitou a menina de ter voz ativa? Por quê?

Fonte: os autores (2021)

Análise dos dados e discussão dos resultados

Para realizar o levantamento de dados nesta pesquisa, utilizamos os seguintes instrumentos: a) duas avaliações escritas sobre os conteúdos tematizados nas aulas, sendo uma realizada na primeira aula e outra na última; b) as gravações de falas e depoimentos dos(as) discentes durante as aulas.

Desse modo, no processo de análise dos dados, guiamo-nos pela proposta da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) que categoriza informações a partir das principais perspectivas em relação ao objetivo investigado. Nesse sentido, organizamos a análise em duas categorias: a) o desconhecimento dos(as) alunos(as) sobre questões de gênero na prática esportiva; b) a evolução na compreensão dos(as) estudantes.

Ao iniciar a análise na primeira categoria, buscamos compreender os entendimentos dos(as) alunos(as) acerca do termo gênero. Nesse processo, surgiram diversas manifestações relacionadas à classificação dos esportes com base na lógica interna, estilos de filmes, músicas, textos literários, como se percebe nos seguintes fragmentos, a título de exemplo: “Gênero é uma coisa que a gente sabe fazer” (Aluno 5 – Aula 1); “Gênero é diversas modalidades esportivas” (Aluno 6 – Aula 1); “Gênero tem a ver com menina e menino no mundo dos esportes, exemplo: tem meninas que jogam menos que os meninos” (Aluna 11 –

Aula 1); “*Gênero são diferenças, diferenças na música, gênero de filme, de textos, entre outras*” (Aluna 12 – Aula 1); “*Gênero pra mim é identificar o tipo de esporte, exemplo: handebol é um esporte de invasão, vôlei é um esporte de quadra dividida. Esporte de invasão ou quadra dividida são de gêneros diferentes*” (Aluna 21 – Aula 1).

Refletir sobre esse ponto, como um elemento constituidor do diagnóstico da turma, foi de suma importância para (re)definir e planejar os conteúdos posteriores da unidade didática. A partir dessa análise inicial foi possível perceber que os(as) alunos(as) criam/mobilizam diferentes significados para o termo gênero. Possivelmente, a ausência da abordagem do tema nas aulas de Educação Física escolar minimiza as possibilidades de reflexão e compreensão dos discentes. A fala da aluna 12, na aula 6, por exemplo, é um indicativo que os(as) alunos(as) não tinham estudado sobre questões de gênero anteriormente: “*Profe, me desculpa se no primeiro dia eu fui machista é que eu nunca estudei isso*”.

Devido à falta de abordagem do tema numa perspectiva histórico-científica na escola, particularmente nas aulas de Educação Física, os(as) alunos(as) utilizavam conhecimentos prévios com base no senso comum. O trecho: “[...] *os meninos têm mais força, por isso jogam melhor futebol*” (Aluno 20 – Aula 1), apresenta indícios de que a abordagem biológica acaba fortalecendo os estereótipos de gênero no âmbito esportivo, insinuando que a menina não *joga bem* futebol ou que tem um desempenho sempre inferior, quando se sabe que há mulheres que jogam melhor do que muitos homens. Nesta linha, Knijnik (2003) manifesta que a exclusão das meninas de momentos esportivos, desde a infância, contribuiu para o desenvolvimento de percepções de gênero durante as práticas e ajudou a produzir concepções – inclusive como autoimagem – de fragilidade e de inferioridade no esporte em relação aos meninos.

Essa concepção de subalternidade corporal das mulheres é histórica no Brasil, sendo fortalecida e amparada por documentos legais que proibiam a prática esportiva feminina no país, o que configurou um atraso de muitos anos do gênero feminino no esporte¹⁰. Com isso, as concepções de corpo foram naturalizadas sobre a ideia de que as mulheres são inferiores, tratadas como frágeis e fracas quando comparadas aos homens. Logo, esse entendimento foi desenvolvido nas aulas de Educação Física reprimindo e direcionando as meninas a outras atividades. Como Lopes (2009, p. 98) aponta, “a sociedade atual se configurou, portanto, na

¹⁰ Em 1941 foi criada a Lei nº 3.199, na qual o art. 54 estabelece que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941, p. 21). Mais à frente, em 1965, o Conselho Nacional de Desportos deliberou que para as mulheres “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, hanterofilismo e baseball” (BRASIL, 1965, p. 1).

assimetria entre os sexos e fez dessa diferença a causa, ou justificativa, para a valorização do masculino em detrimento do que é feminino”. Na mesma linha, os estudos de Gleyse e Soares (2008) e Lopes (2009) indicam que a sociedade moderna continua produzindo estereótipos e tratamentos diferenciados aos gêneros, ao passo que as “diferenças de gênero, separam, classificam, hierarquizam homens e mulheres, oferecem-lhes experiências e aprendizagens distintas” (ALTAMANN, 2009, p. 52).

Desse modo, é importante debater em sala de aula questões como o fato de que se *na média* os homens jogam melhor do que as mulheres, isso tem relação com as oportunidades e as vivências no contexto histórico-social de suas vidas. Particularmente, na sociedade brasileira, é possível pensar que os meninos receberam historicamente maior influência no que se refere ao contato com os esportes. Nessa lógica, compreendemos que existe a necessidade de problematizar as questões de gênero no meio esportivo, para que as meninas sejam respeitadas e possam ocupar um espaço que é dominado e conduzido por homens na maioria das vezes. No estudo de Ramos e Deive (2013, p. 188), evidencia-se a necessidade de refletir sobre questões de gênero nas aulas de Educação Física com o intuito de romper com preconceitos e, assim, garantir o direito de todos os(as) alunos(as), promovendo uma “[...] reflexão crítica acerca das identidades de gênero e conteúdo de ensino na EDF escolar, gerando espaço para as discussões acadêmicas, visando superar discursos repletos de preconceitos e práticas discriminatórias, resultantes da falta de informação [...]”.

De acordo com Louro (2008), os(as) professores(as) devem propor formas e estratégias que incentivem debates e discussões sobre as representações sociais, recriando uma perspectiva não-sexista. Como lembram Albernaz e Longhi (2009 p. 89),

[...] transformar as relações de gênero é algo que vai muito além do que juntar meninos e meninas nos trabalhos escolares ou dar o mesmo presente a meninos e meninas no dia das crianças. Não é uma mudança apenas racional, pois mexe com as emoções, com relações investidas de afeto, além de incidir nas estruturas institucionais.

Analisando a segunda categoria, verificamos que os(as) alunos(as) conseguiram ampliar o nível de conhecimento referente a questões envolvendo mulheres nas práticas esportivas. Nas duas últimas aulas os(as) discentes passaram a se posicionar por meio de reflexões e críticas em torno do conteúdo abordado. Esse fato é evidenciado, por exemplo, na fala da Aluna 16 aos colegas: “[...] *podia ter 40 meninas que vocês não iam passar a bola*”. Nessa manifestação, aluna expõe uma situação ocorrida em uma aula sustentando sua opinião em relação à participação das meninas nas aulas práticas, uma vez que um aluno, equivocadamente, tentou justificar que as garotas não gostam e nem querem jogar de forma

voluntária. A referida crítica possibilitou que os colegas refletissem sobre seu modo de pensar, pois, ao se posicionar referente à questão, a aluna foi aplaudida pelos colegas gerando uma importante abertura para que outras/outros pudessem expor suas opiniões frente a turma.

Em situações deste tipo, Schwengber (2012) destaca que as produções identitárias dos meninos ativos e capazes, assim como as meninas, sobre quem pode participar e ser (ou não) esportista, são demarcadas em contextos específicos e em disputas. Para a referida autora, tornar-se menino ou menina-esportiva, dá-se de forma contínua nos processos de socialização em que a autopercepção corporal e esportiva se organiza durante as instâncias educativas, como na escola, nas aulas de Educação Física, nos grupos de pares, pela postura educativa que os professores assumem – ou deixam de assumir – frente a essas questões.

Com o andamento da prática pedagógica sobre as discussões de gênero, os(as) alunos(as) passaram a repensar acerca de outros contextos nos quais as mulheres não são valorizadas pelo seu potencial atlético, em que o corpo feminino é destacado, objetivando e criando padrões de beleza. Pontualmente, a reflexão feita em aula sobre o fato de que em algumas modalidades esportivas, como o voleibol e o vôlei de praia, os uniformes femininos são elaborados de modo que salientem a estrutura corporal da mulher, sexualizando os corpos, gerou compreensão dos(as) estudantes que conseguiram estabelecer relações com o conteúdo estudado e manifestar outros exemplos, como se percebe na seguinte fala: *“Nos filmes a gente vê os homens jogando e as mulheres como líderes de torcida e só as consideradas bonitas, as outras são as mascotes”* (Aluna 21 – Aula 9). Essa manifestação, é um exemplo de uma reflexão crítica e evoluída de uma estudante alinhada ao entendimento de Goellner (2003) e Knijnik (2003), quando apontam que muitas vezes a mulher é percebida pelo seu corpo no contexto esportivo.

Sobre essa temática outras falas evidenciam a passagem para uma compreensão que os(as) alunos(as) não tinham antes do desenvolvimento da unidade de ensino: *“[...] meninos são basicamente obrigados praticarem esportes para serem reconhecidos como ‘homem’ e a mulher é obrigada a passar a vida se esforçando pra manter um corpo bonito”* (Aluna 12 – Aula 11); *“[...] dias atrás passava jogo da copa do mundo feminina, mas ainda só era transmitido os jogos do Brasil, diferente da copa do mundo masculina que passava todos os dias, todos paravam para ver os jogos”* (Aluno 15 – Aula 11); *“[...] as mulheres são pouco reconhecidas no esporte”* (Aluna 16 – Aula 10).

Assim, percebe-se que os(as) alunos(as) passaram a refletir e argumentar sobre os temas estudados como não faziam antes, possibilitando a reconstrução de entendimentos sobre questões gênero no esporte. Com a intenção de identificar o que os discentes

aprenderam acerca do tema, ao final da unidade de ensino, comparamos a avaliação escrita realizada no primeiro encontro com a prova efetuada na última aula. Identificamos que aproximadamente 80% dos(as) alunos(as) do 8º ano não conseguiram construir conceitos ligados ao termo gênero, na primeira avaliação. Na avaliação final, de diferentes modos, todos produziram um entendimento acerca do termo. Para melhor compreensão, as respostas dos(as) estudantes foram transcritas e organizadas no quadro que segue¹¹.

Quadro 3 – Evolução no aprendizado dos(as) alunos(as)

QUESTÃO: DESCREVA SEU ENTENDIMENTO SOBRE O QUE É GÊNERO		
Alunos(as)	Primeira Avaliação	Segunda Avaliação
Aluna 1	Eu não sei o que é gênero.	Gênero é o que define se você é homem ou mulher.
Aluno 2	Eu não sei o que é gênero.	Pela identidade.
Aluno 3	Não sei.	Gênero é o que define se você é homem ou mulher.
Aluno 4	Eu não sei o que é gênero.	Gênero é quando você se identifica sexualmente.
Aluno 5	Gênero é uma coisa que a gente sabe fazer.	Gênero é homem e mulher.
Aluno 6	Gênero é diversas modalidades esportivas.	Gênero é o homem e a mulher no esporte a igualdade deles.
Aluno 7	Não sei.	Gênero é o que define se você é homem ou mulher.
Aluno 8	Não sei.	Gênero pra mim é uma pessoa que se identifica sexualmente.
Aluna 9	Não sei.	Eu acho que gênero é como a gente se identifica como nosso corpo.

Fonte: os autores (2021)

Como se observa no quadro de respostas, grande parte dos(as) alunos(as) mencionaram somente duas categorias – homem ou mulher – o que simplifica tais noções¹². Não obstante, é possível perceber uma compreensão superior a qual tinham antes do estudo. Nessa linha, percebe-se que o campo da educação, a escola e seus componentes curriculares

¹¹ Em função do limite de espaço nesse texto, optamos por apresentar as respostas de aproximadamente um terço (1/3) dos(as) alunos(as) da turma.

¹² Em termos de gênero, os seres humanos podem ser “analisados” (com todas as limitações comuns a ideia de classificação) como gênero ou cisgênero, transgênero, intergênero, agêneros. Chama-se de gênero ou cisgênero, os sujeitos que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento. Denomina-se transgênero, os indivíduos que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como os *trans*. O intergênero se identifica com os dois gêneros. Existe também os agêneros, que se definem como não tendo identidade de gênero. No Brasil, não há consenso sobre os termos. Por exemplo, ainda se utilizam outros termos, tais como: *queer*, outros, a antiga denominação “andrógino”, *Genderfluid*. *Queer* geralmente é utilizado para denominar pessoas que não se identificam com nenhuma identidade de gênero, nem masculino e nem feminino. *Genderfluid* é a expressão que define a identidade de gênero que transita entre o masculino e o feminino, ou permanece no meio, isto é, o sujeito não se identifica especificamente com nenhum dos gêneros tradicionais (JESUS, 2017). Logo, há variáveis de posições de gênero na vida (e na própria escola), com uma ideia de *gêneros*, no plural, para se referir às posições e relações entre as possíveis identificações.

são espaços fundamentais para produção de reflexões sobre questões de gênero, quando se busca qualificar a formação das novas gerações para que ocorra uma mudança sociocultural rumo a tolerância e a equidade na sociedade.

Na sequência, ao tratarmos de outra questão da avaliação escrita – “No meio esportivo ocorrem diversas interações entre os gêneros dentro das variadas modalidades esportivas. Como você percebe a participação, o acesso e a permanência da mulher no meio esportivo? É igualitária em comparação aos homens? Justifique sua resposta” –, identificamos que nas respostas iniciais os(as) alunos(as) expuseram que homens e mulheres possuem as mesmas condições e direitos no esporte e que os homens têm melhor desempenho em relação às mulheres. Diferentemente, na avaliação realizada após o desenvolvimento da unidade de ensino, os mesmos discentes mudaram seu posicionamento apresentando uma compreensão distinta quando comparada ao que manifestaram na avaliação inicial. Na sequência, o Quadro 4 apresenta comparação entre as respostas:

Quadro 4 – Comparação das respostas na primeira e na segunda avaliação

Aluno	Avaliação	Respostas
Aluno 3	<i>Primeira avaliação</i>	Não, porque a mulher não joga tanto quanto os homens.
	<i>Segunda avaliação</i>	O homem aparece mais do que as mulheres e o homem aparece por seu desempenho e a mulher como musa.
Aluno 6	<i>Primeira avaliação</i>	Eu acho normal porque as mulheres podem praticar o esporte que ela quiserem, os homens tem mais resistência e podem correr, praticar o esporte melhor.
	<i>Segunda avaliação</i>	Não é igual, porque a sociedade diz que a mulher é fragil, fraca e não tem garra.
Aluno 14	<i>Primeira avaliação</i>	Não, pois não é igual. Por exemplo no esporte punhobol a rede para os homens é 2m e das mulheres é 1m e 90 cm.
	<i>Segunda avaliação</i>	As pessoas veem nas mulheres mais o corpo e os homens o desempenho, o potencial. E o esporte não é igualitário entre homens e mulheres.
Aluno 18	<i>Primeira avaliação</i>	Os esportes têm para mulher como para o homem, qualquer jogo ou esporte, a mulher é igual ao homem nos esportes futebol, handebol, etc.
	<i>Segunda avaliação</i>	Os homens são muito diferentes no meio esportivo, a roupa da mulher é muito mais curta que dos homens e em todos os esportes quase não aparecem na TV.

Fonte: os autores (2021)

Nesse contexto, boa parte dos(as) alunos(as) conseguiu refletir sobre a existência da desigualdade de direitos entre homens e mulheres, bem como apontar algumas consequências. Assim, problematizar e refletir esse tema de forma crítica é extremamente pertinente para que possa ocorrer uma (re)construção de conceitos e significados sobre a participação dos gêneros no meio esportivo. Logo, quando os(as) educadores(as) deixam em suspensão algumas

“verdades” presentes no cotidiano, através de reflexões sobre os discursos, pode ocorrer uma contribuição para desconstruir preconceitos que estão “naturalizados” na sociedade. Pontualmente, a Educação Física escolar pode contribuir com o reconhecimento das diferenças no reconhecimento social entre os gêneros, especialmente no contexto brasileiro, potencializando os(as) alunos(as) – enquanto sujeitos ativos – a buscarem direitos e oportunidade iguais para homens e mulheres no esporte. Como Ramos e Devede (2013) defendem, ao tematizar aulas sobre as relações de gênero no campo esportivo, a Educação Física busca tanto a inclusão das alunas na prática, quanto oferecer condições para que os meninos possam construir novas representações sociais sem diferenciação de papéis entre homens e mulheres no âmbito esportivo e na sociedade de modo geral. Portanto, eis uma demanda que esse componente curricular precisa assumir e ser protagonista.

Considerações Finais

O presente trabalho consistiu num tipo de intervenção pedagógica, possivelmente, pouco implementada nas aulas de Educação Física escolar no Brasil. Se por um lado, defende-se a tematização das questões de gênero nas aulas desse componente curricular, por outro, pouco se produziu/publicou efetivamente como intervenção nas aulas. Logo, o planejamento, a produção de material didático, o desenvolvimento das aulas e a avaliação desse processo se constituíram numa tarefa difícil, trabalhosa e bastante complexa.

Em linhas gerais, identificamos que os(as) alunos(as) não haviam estudado a temática da questão de gênero relacionada aos esportes. As aulas de Educação Física que haviam vivenciado anteriormente, apresentavam apenas práticas de algumas modalidades esportivas, sem nenhum aprofundamento teórico nos conhecimentos técnicos, tampouco nos conhecimentos críticos. Conseguimos observar essa questão no primeiro contato com as turmas, quando ao propor o trabalho referente às questões de gênero nos deparamos com o fato que a maioria dos discentes manifestou não ter aulas sobre essa temática. Deste modo, na sequência do trabalho conseguimos identificar o resultado das discussões feitas em aula ao perceber as mudanças de posicionamentos e apropriação de conceitos ao comparar as avaliações efetuadas.

Sendo assim, a unidade de ensino desenvolvida possibilitou aos alunos reflexões sobre a participação das mulheres nos esportes. Deste modo, compreendemos que as discussões acerca de gênero nas práticas esportivas oportunizam aos discentes uma aprendizagem diferenciada, possibilitando o enfrentamento de problemas “reais” de desigualdade e

discriminação no meio esportivo e, assim, oferecem condições para que os discentes consigam “ler o mundo” e intervir no seu meio social.

Este processo de intervenção se constituiu numa experiência significativa, uma vez que possibilitou novas reflexões. Particularmente, a pesquisadora que desenvolveu a unidade de ensino teve a oportunidade de vivenciar um papel de uma mediadora e trabalhar aspectos importantes na (re) construção de sua identidade enquanto mulher, professora e pesquisadora.

Em síntese este trabalho serve como uma reflexão sobre a viabilidade da abordagem de questões de gênero nas aulas de Educação Física escolar, visando uma formação crítica e comprometida dos(as) alunos(as) enquanto atores/atrizes constituidores da sociedade brasileira. Logo, esse estudo evidencia a necessidade de se refletir pedagogicamente sobre o tema gênero nas aulas de Educação Física com o intuito tensionar concepções – inclusive como autoimagem – de fragilidade e de inferioridade das meninas nas práticas corporais e esportivas em relação aos meninos. Intervenções desse tipo são necessárias para que se rompam barreiras de discriminação e preconceitos reproduzidos há gerações.

Em consequência de todo o aprendizado adquirido através desse trabalho, futuramente realizaremos um estudo colaborativo – na lógica da pesquisa-ação – com professores(as) de Educação Física que atuam em escolas públicas, visando auxiliá-los a trabalhar com questões de gênero em suas aulas. Quem sabe, com isso, possamos contribuir para uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

Referências

- ALBERNAZ, Lady S. F.; LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion T. **Gênero, diversidade e desigualdades na Educação: interpretações e reflexões para a formação docente**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009, p. 75-96.
- ALTMANN, Helena. Currículo, gênero e esportes. In: RIBEIRO, Paula R. C.; SILVA, Méri R. S.; GOELLNER, Silvana V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios a formação docente**. Rio Grande: Editora FURG, 2009, p. 57-66.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORGES, Robson M. **Estudar com professores: a formação continuada e o processo de mudança de concepção de ensino na educação física escolar**. Curitiba: CRV, 2019.
- BRASIL. República Federativa do. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 10 fev. 2018.

BRASIL. **Deliberação nº 7 de agosto de 1965**. Conselho Nacional de Desportos. 1965, p. 8984. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>. Acesso em: 08 de jan. de 2021.

BRASIL. **Decreto lei n. 3199 de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. 1941. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08 jan. 2021.

DARIDO, Suraya C. **Educação Física na Escola: Conteúdos, duas Dimensões e Significados**. Acervo digital, Univesp, 2012.

DEVIDE, Fabiano P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

GAYA, Adroaldo C. A. Abordagens Metodológicas. In: GAYA, Adroaldo C. A. (Org.) **Projetos de pesquisa científica e pedagógica: o desafio da iniciação científica**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2016. p. 157-169.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLEYSE, Jacques; SOARES, Carmen L. Os manuais escolares franceses de educação física, de higiene e de moral seriam sexistas? (1880-2004). **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 29, n. 102, p. 137-156, jan./abr. 2008.

GOELLNER, Silvana V. **Bela, Maternal e Feminina: imagens de mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana V. Gênero. In: GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER, Paulo E. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 207-209.

GONZÁLEZ, Fernando J. Atuação dos professores na Educação Física escolar: entre o abandono do trabalho docente e a renovação pedagógica. In: SILVA, Paula C. C. et al. (Org.). **Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e as Ciências do Esporte**. v. 1. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2016. p. 45-70.

GONZÁLEZ, Fernando J.; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GONZÁLEZ, Fernando J.; FRAGA, Alex B. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

GONZÁLEZ, Fernando J.; FRAGA, Alex B. Educação Física. In: RIO GRANDE DO SUL/Secretaria de Estado da Educação/Departamento Pedagógico. **Lições do Rio Grande: caderno do aluno/Secretaria de Estado da Educação**. v. 2. Porto Alegre: SE/DP, 2009. p. 59-80.

KNJJNIK, Jorge D. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

JESUS, Jaqueline G. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. **Revista universitas humanística**, Bogotá, Colombia, v. 78, n. 78, 2014, p. 241-257. Disponível em: <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/6410>. Acesso em: 08 jan. 2021.

LOPES, Zaira A. **Representações sociais acerca da violência de gênero**: significados das experiências vividas por mulheres agredidas. 2009, f. 241. Tese de Doutorado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP, 2009.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós estruturalista. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MILANI, Amanda G.; DARIDO, Suraya C. Os conteúdos atitudinais no currículo de Educação Física do estado de São Paulo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, abr./jun. 2016. p. 448-461.

RAMOS, Michelle R. F.; DEVIDE, Fabiano P. O discurso docente sobre a relação entre conteúdos de ensino e identidade de gênero. In: DORNELLES, Priscila G.; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria S. V. **Educação Física e gênero**: Desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013, p. 169-192.

SARAIVA, Maria C. **Co-educação Física e esportes**: quando a diferença é mito. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

SCHWENGBER, Maria S. V. Qual o preço de ser menina? Implicações das expectativas corporais. **Pensar a Prática**, v. 15, 2012, p. 789-799. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/14662>. Acesso em: 08 jan. 2021.

Recebido em março de 2021.

Aprovado em junho de 2021.